

GERIATRIA CLÍNICA NA MEDICINA DE PEQUENOS ANIMAIS

BARRETO, Tassiara Koch¹; PEREIRA, Malcon Martinez²

Palavras-chave: Geriatria. Bem estar. Cães e gatos.

Introdução

Considerando o aumento da longevidade dos animais de companhia, impulsionada pelos avanços em todas as áreas da Medicina Veterinária, desde o aperfeiçoamento nas técnicas de diagnóstico-tratamento, a maior oferta de fármacos e a manipulação de dietas específicas, é necessário que o clínico busque acompanhar este processo evolutivo (ASSUMPÇÃO, 2010). Ao mesmo tempo em que aumenta a interação família-animal de estimação, os tutores têm apresentado maior interesse nos cuidados clínicos a serem aplicados aos animais idosos (ASSUMPÇÃO, 2010).

Becker (2010) ressalta que apesar de ser consenso que pacientes geriátricos necessitam de cuidados diferenciados, pouco se sabe sobre as mudanças associadas ao envelhecimento e seus efeitos sobre ou em decorrência de tratamentos medicamentosos. É importante, no caso de pacientes geriátricos, reconhecer que dificilmente apresentam uma única doença, mas sim uma combinação de várias disfunções orgânicas, em variados níveis e estágios (NUNES, 2012). Infelizmente, os estudos direcionados a essa subpopulação são escassos, quando comparado aos humanos. Neste sentido, observando a importância deste segmento aliada à falta de profissionais especializados nesta área, surgiu o interesse em buscar conhecimentos sobre a geriatria clínica na Medicina Veterinária.

Revisão bibliográfica

A nomenclatura para definir senilidade é muito extensa existindo termos frequentemente utilizados como sênior, senil, idoso, velho e geriátrico. Estes termos apresentam significados distintos embora sejam utilizados como sinônimos. Quando utilizamos o termo “sênior” ou “idoso” refere-se a alterações comportamentais ou físicas relacionadas à idade do animal. Já o termo “geriátrico” ou “velho” remete-se a idade cronológica do mesmo (MORAES, 2013), com base nesse argumento, Hoskins (2008)

¹ Médica Veterinária autônoma, tassii.barreto@gmail.com

² Docente do curso de Medicina Veterinária da Universidade de Cruz Alta – Unicruz, malcon@unicruz.edu.br

descreve a geriatria como ramo da medicina e cirurgia que trata os problemas peculiares da velhice ou senilidade.

As pesquisas na Medicina Veterinária ainda são esparsas e pouco se conhece sobre as alterações comportamentais e físicas que acompanham o processo de envelhecimento de cães e gatos (FIGUEIREDO, 2005). A velhice por si só não é uma doença, do ponto de vista biológico, ela é percebida como um desgaste natural das estruturas orgânicas que, com isso, passam por transformações com o progredir da idade, prevalecendo os processos degenerativos (CALDAS, 2002). Tal decurso biológico possui certa complexidade e relatividade, sendo caracterizadas por diferenças espécies-específicas, raças-específicas e tecido-específicas (MOTA, FIGUEIREDO e DUARTE, 2004).

Segundo Figueiredo (2005) não se deve categorizar os animais como velhos apenas com base na idade, ainda para Moraes (2013) em cães também se deve levar em consideração o porte do animal (Tabela 1). Assim, conforme os autores quanto maior o porte, mais precocemente começa a velhice. Contudo, os gatos envelhecem de maneira diferente do que ocorre com os cães (FAHEY, BARRY e SWANSON, 2008), nessa espécie, padrão racial não é fator determinante na longevidade, já que envelhecem de maneira uniforme, independentemente da raça (FAHEY, BARRY e SWANSON, 2008).

Tabela 1 Correlação entre espécie animal, peso e idade cronológica.

Caninos	Até 10 kg (pequeno porte)	9-13 anos
	11-25 kg (médio porte)	9-11 anos
	26-45 kg (grande porte)	7- 10,5 anos
	>45 kg (gigantes)	6-9 anos
Felinos em geral		6-10 anos

Fonte: MORAES, 2013.

Durante o processo de envelhecimento dos animais, é esperado que ocorram modificações no organismo, que podem não ser nem positivas nem negativas. Porém, quando tais alterações estão associadas a doenças ou, ainda, quando essas alterações possuem o poder de afetar, de forma prejudicial, a saúde e/ou a qualidade de vida dos animais, elas podem ser, segundo Case, Carey e Hirakawa (2011), definidas como senescência, que se estende desde o nascimento até a morte. Muitos fatores, mais notadamente genéticos (raças menores vivem mais tempo que as maiores), ambientais (animais de rua tem menor expectativa de vida que animais de dentro de casa, animais castrados vivem mais que animais não castrados) e

nutricionais (animais obesos tem expectativa de vida menor que os não-obesos), podem influenciar a velocidade do processo de envelhecimento.

Este processo é composto por uma série de fatores endógenos e exógenos, e está relacionado ao aumento na incidência de disfunções orgânicas que resultam em doenças crônicas (MORAES, 2013). Os fatores endógenos correspondem ao relógio biológico, ou seja, a programação genética, que são fatores cruciais ligados ao envelhecimento. Os fatores exógenos influenciam o ritmo e a velocidade com que ocorre o processo do envelhecimento, acelerando os processos degenerativos e encurtando a sobrevivência, quando estes fatores são desfavoráveis (HOSKINS, 2008). Morse e Rabinowitz (1990) propõem uma teoria unificadora que refere que o progresso biológico do envelhecimento está geneticamente programado.

Grande parte da satisfação profissional para o veterinário e a equipe hospitalar advém do fato de promoverem uma vida mais saudável e longa aos pacientes senis; adicionalmente, o manejo precoce da maioria das doenças relacionadas com a idade avançada é muito mais gratificante do que a abordagem numa fase tardia. Assim, o cuidado animal, em todos os estágios de sua vida, busca proteger e maximizar a qualidade de vida, nesse sentido, o papel do médico veterinário é manter a saúde e o bem estar do paciente geriátrico, prolongando sua vida com qualidade enquanto for possível (FIGUEIREDO, 2005). Hoskins (2008), com base nessa ideologia, sugere um programa de saúde proativo de cuidado sênior, que altera a forma pela qual os veterinários tradicionalmente abordam o animal senil, com início aos sete anos de idade, incluindo consultas semestrais e perfil laboratorial regular. Este programa tem como objetivo otimizar a qualidade de vida do animal idoso saudável ou doente por meio do uso de estratégias de cuidados preventivos com a saúde, combinado com uma abordagem médica completa, diagnóstico veterinário atualizado e com as várias opções de tratamento disponíveis (HOSKINS, 2008). Neste sentido, a eutanásia, na maioria dos casos, deve ser a última ferramenta disponível para interromper os desconfortos da doença, e usada quando tais desconfortos diminuem a qualidade de vida até um nível miserável. Para os pacientes geriátricos, o uso da eutanásia como proteção contra o desconforto, sofrimento e qualidade de vida ruim representa um ato de compaixão (HOSKINS, 2008).

Conclusão

A escala de vida dos animais está crescendo de forma progressiva de acordo com a melhor qualidade de vida, devido principalmente a melhores cuidados médicos veterinários,

medicamentos, vacinas e nutrição de alta qualidade. Em consequência, os tutores de pequenos animais estão cada vez mais preocupados e dispostos a proporcionar mais qualidade de vida aos seus pets. Considerando esses fatores, o profissional de Medicina Veterinária deve procurar gradativamente a especialização para atender as expectativas dos clientes, bem como a capacitação para diagnosticar e oferecer o tratamento mais adequado ao paciente geriátrico.

Referências bibliográficas

- ASSUMPÇÃO, A. L. K. **Introdução a Clínica Geriátrica do Cão**. Monografia de conclusão do curso de Graduação em Medicina Veterinária – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre – RS, 2010.
- BECKER, T. M. **Abordagem terapêutica do paciente geriátrico**. Monografia de conclusão do curso de Graduação em Medicina Veterinária – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre – RS, 2010.
- CALDAS, C. P. O idoso em processo de demência: o impacto na família. In: Minayo MCS, Coimbra Jr CEA, organizadores. **Antropologia, Saúde e Envelhecimento**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002. p.51-71.
- CASE, L. P.; CAREY, E. P.; HIRAKAWA, D. A. **Canine and feline nutrition: a resource for companion animal professionals**. 3. ed. Maryland Heights: Mosby, 2011, p. 576.
- FAHEY, Jr.G.; BARRY, K.; SWANSON, K. Age-related changes in nutrient utilization by companion animals. **Annu Rev Nut**, 28, p. 425-445, 2008.
- FIGUEIREDO, C. **Geriatria Clínica dos Caninos e Felinos**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.
- HOSKINS, J. D. Doenças Oftálmicas e Seu Manejo. In: HOSKINS, J. D. **Geriatria e Gerontologia do Cão e Gato**. 2ª. ed. São Paulo: Roca, p. 285-303, 2008.
- MORAES, L. E. C. **Efeitos do Envelhecimento em Cães e Gatos**. Monografia de conclusão do curso de Graduação em Medicina Veterinária – Universidade Tuiuti do Paraná. Curitiba – PR, 2013.
- MORSE, D. R.; RABINOWITZ, H. **A unified theory of aging**. Int J Psychosom 37:5, 1990.
- MOTA, M. P.; FIGUEIREDO, P. A.; DUARTE, J. A. Teorias biológicas do envelhecimento. **Rev Port Ciên do Desp**, v. 4, n. 1, p. 81-110. Porto, 2004.
- NUNES, A. F. P. **Aspectos Fundamentais da Medicina Geriátrica do Gato Doméstico – Acompanhamento de Casos e Proposta de Programa Preventivo de Saúde**. Monografia de Conclusão de Curso de Graduação em Medicina Veterinária, Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária, Universidade de Brasília. 117 p., 1998.